

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA REGIÃO TOCANTINA DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS SOCIAIS E LETRAS  
ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA: TEORIA E MÉTODOS

GABRIELA ALMEIDA FERREIRA

**COTIDIANO DE MULHERES FEIRANTES NO BAIRRO BOM SUCESSO:  
ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DAS CONTRIBUIÇÕES DA HISTÓRIA  
LOCAL**

Imperatriz-MA  
2024

GABRIELA ALMEIDA FERREIRA

**COTIDIANO DE MULHERES FEIRANTES NO BAIRRO BOM SUCESSO:  
ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DAS CONTRIBUIÇÕES DA HISTÓRIA  
LOCAL**

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Especialização em Ensino de História: Teoria e métodos, da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão como requisito para obtenção do grau de especialista.

Orientador: Prof. Jessé Gonçalves Cutrim

F383c

Ferreira, Gabriela Almeida

Cotidiano de mulheres feirantes no bairro bom sucesso: ensino de história a partir das contribuições da história local. / Larissa de Farias Silveira. – Imperatriz, MA, 2023.

24 f.; il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de História: teoria e métodos) – Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, Imperatriz, MA, 2023.

1. História local. 2. Feira. 3. Memória - identidade. 4. Imperatriz - MA. I. Título.

CDU 94(812.1)

# COTIDIANO DE MULHERES FEIRANTES NO BAIRRO BOM SUCESSO: ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DAS CONTRIBUIÇÕES DA HISTÓRIA LOCAL<sup>1</sup>

Gabriela Almeida Ferreira<sup>2</sup>

## RESUMO

Este artigo analisa a interação entre o ensino de história local e as manifestações culturais e econômicas no cenário cotidiano das feirantes no Bairro Bom Sucesso, na cidade de Imperatriz-MA. A Pesquisa de Campo ocorreu com estudantes do Terceiro Ano do Centro Educacional Raimundo Soares da Cunha, escola situada próxima à feira. Houve encontros em sala de aula, mas o ponto alto foi a visita *in loco* com estudantes na feira. Na visita, que contou com a interação dos estudantes munidos de uma pesquisa-observação, foram possibilitados o conhecimento sobre a história de seu local de vivência, com observância nos vários processos históricos que envolvem a dinâmica da feira. As aulas, debates e a visita à feira foram fundamentais à construção de conhecimento individual e coletivo sobre história, cultura e a economia do meio. Com essa metodologia ativa, despertou-se nos estudantes a curiosidade, a participação e o interesse pela pesquisa e pela história.

**Palavras-chave:** História local; memória; feira; identidade; investigação.

## ABSTRACT

This article analyzes the interaction between the teaching of local history and cultural and economic manifestations in the daily scene of market traders in Bom Sucesso neighborhood, in the city of Imperatriz-MA. The Field Research took place with third year students from the Raimundo Soares da Cunha school, a school located close to the fair. There were meetings in the classroom, but the highlight was the visit with students at the location of the fair. During the visit, which included the interaction of students equipped with a research-observation, they were able to learn about the history of their place of residence, with regard to the several historical processes that involve the dynamics of the fair. The classes, debates and the visit to the fair were fundamental to the construction of individual and collective knowledge about history, culture and the economy of the environment. With this active methodology, curiosity, participation, and interest in research and history were aroused in the students.

**Key-words:** Local History; Memory; Fair; Identity; Investigation

## INTRODUÇÃO

A discussão sobre o ensino de história é uma atividade complexa porque cria uma ligação direta entre o conhecimento histórico e a história ensinada. Há um vasto programa a ser desenvolvido com base em conteúdos extensos, que acabam por trazerem informações significativas. No entanto, a dinâmica real do cotidiano se expressa em pesquisa de campo, com a colaboração da história local.

De acordo com Gaddis, o conhecimento da história local é importante, pois a partir da experiência o estudante cria relações com diferentes campos (regionais, nacionais e globais). Desta forma, os estudantes aprendem sobre vestígios da história local, podem

ver-se como membros da comunidade e aprender sobre a sua própria história neste sentido (Gaddis, 2003).

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso em formato de Artigo Acadêmico apresentado junto à Coordenação do Curso de Especialização em Ensino de História: Teoria e Métodos do Centro de Ciências Humanas Sociais e Letras da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL.

<sup>2</sup> Licenciada em História pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão e especialista em Ensino de História: Teoria e Métodos na mesma Universidade.

Esta forma de aprender história permite aos estudantes perceberem que o local onde residem teve (e tem) um passado histórico, e que este processo o molda no presente.

Este estudo teve como temática de pesquisa a história local: investigando, conhecendo e valorizando a história da Feira do Bom Sucesso e o trabalho das mulheres feirantes. Com relação ao conhecimento histórico é importante frisar que inexistente a neutralidade na produção do conhecimento, a ideia de produzir assim como reconstruir o conhecimento histórico, algo que é feito pelo historiador à medida que desenvolve seu trabalho, a ideia de que o historiador é um profissional que, a partir de uma pergunta do presente, faz uma inquirição ao passado.

A atividade de pesquisa foi desenvolvida com o objetivo de levar os estudantes a pesquisar, refletir e analisar a realidade local do seu cotidiano e a refletir sobre o processo histórico seguido no desenvolvimento de tais atividades. A questão surgiu a partir da problemática com relação à aprendizagem significativa: como os estudantes aprendem informações históricas sobre suas vidas?

Nesse sentido o trabalho acadêmico aqui exposto alude sobre o valor do trabalho dentro do caminho para a independência das mulheres, dessa forma o sujeito desse trabalho são as Feirantes do Bairro Bom Sucesso. Esse ofício na realidade das mulheres abre um precedente de análise muito grande e inserir tais personalidades que buscam sua subsistência dentro de um ambiente informal e que se aproxima da conjuntura de uma grande parcela da população, diariamente essas mulheres compõem o fictício de todos que vão as feiras seja mulher, homens, jovens e crianças.

Dentro dessa perspectiva, a ida à feira possibilitou o contato com as memórias de mulheres feirantes vendendo suas mercadorias, trabalhando com a incumbência de realizar as vendas, realizando a movimentação do ambiente em que trabalham e desenvolvendo suas narrativas por meio de experiências empíricas que muitas vezes acontece como um exercício que é herdado de pais para filhos. É o que reflete a fala da historiadora Agnes Heller, quando diz que:

A vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se 'em funcionamento' todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias (Heller, 2008, p. 17).

Para que o estudante possa se situar dentro do tempo histórico, é fundamental que os conteúdos selecionados pelo professor façam sentido para a existência do mesmo, com

isso, o estudo de História Local vem a ser uma ferramenta indispensável para que haja uma correlação entre o que é vivido e o que é estudado, tendo em vista o que nos coloca Fonseca (2009, p. 125): “a escola e as aulas de História são lugares de memória da história recente, imediata e distante”.

Por este ângulo, buscou-se desenvolver uma atividade educativa que surge da necessidade de trabalhar, no contexto da sala de aula, temas muitas vezes ignorados pelo Ensino de História, e que no atual contexto necessitam ser discutidos como, por exemplo, a participação da mulher na sociedade no âmbito cultural, social e político. O presente projeto foi aplicado no Centro de Ensino Raimundo Soares da Cunha, na turma de 3º ano de Ensino Médio, onde foi realizada uma visita de campo, com visita dos alunos na Feira do Bairro Bom Sucesso.

O objetivo da pesquisa foi promover o registro da história da feira do Bom Sucesso, dentro da essencialidade da mulher feirante. A pesquisa aqui trabalhada classifica-se como bibliográfica, exploratória, de campo e pesquisa-ação e/ observação. Caracteriza-se como bibliográfica porque foi realizada com o uso de fontes bibliográficas ou material elaborado (teses, dissertações, livros, revistas, artigos e demais periódicos tanto impressos quanto digitais) para a revisão de literatura.

Sendo assim é efetivo acrescentar que de acordo com Macedo (1994, p. 13), a pesquisa bibliográfica: “Trata-se do primeiro passo em qualquer tipo de pesquisa científica, com o fim de revisar a literatura existente e não redundar o tema de estudo ou experimentação”. A pesquisa de campo, por sua vez partiu da visita na feira para observar o trabalho das mulheres e a perspectiva cotidiana de seus papéis.

## **O ENSINO DA HISTÓRIA LOCAL E A MEMÓRIA HISTÓRICA**

Um conjunto de questões precisam ser levadas em consideração no momento de propor o uso da história local no ensino de História. A História local é um assunto de relevância pois está diretamente relacionada com a realidade do alunado, portanto, conhecendo sua realidade histórica podem fazer análises do cotidiano em que vivem assumindo o lugar de cidadãos. Desse modo, são mobilizadas ações no sentido de tornar o ensino de história mais próximo e também chamativo dentro da análise dos discentes proporcionando-lhes sentimento de pertencimento.

Em primeiro lugar, é importante observar que uma realidade local não contém, em si mesma, a chave de sua explicação, pois os problemas culturais, políticos, econômicos e sociais de uma localidade explicam-se, também, pela relação com outras localidades, outros países e, até

mesmo, por processos históricos mais amplos. Em segundo lugar, ao propor o ensino da história local como indicador da construção de identidade, não se pode esquecer de que, no atual processo de mundialização, é importante que a construção da identidade tenha marcos de referência relacionais, que devem ser conhecidos e situados, como o local, o nacional, o latino americano, o ocidental e o mundial (Schmidt; Cainelli, 2009, p. 138).

De acordo com Le Goff (1990, p.183), na história oral “o tempo da narração constitui um local de observação particularmente interessante”. O autor define o significado da narração para o entendimento da história local. Sendo assim, acessar os sujeitos, registrar suas narrativas e analisá-las dar a vazão necessária para compreender histórias que até então não compunham a história local.

Segundo Fonseca (2006), os temas históricos, as linguagens, as fontes e os materiais que os professores podem utilizar na aplicação da história local são muito diversos. Isso porque a tarefa do professor não é apenas estar na história, mas também fazê-la, ensinar e aprender, considerando que o ensino de história e a formação histórica dos objetos de aprendizagem acontecem em todos os lugares e não se limitam à escola. Sendo assim Fonseca discorre que “O local e o cotidiano como locais de memória são constitutivos, ricos de possibilidades educativas, formativas (2006, p. 127)”.

A história em termo local é importante dentro da perspectiva de pesquisa e estudo do meio, caracterizando-se como um recurso pedagógico essencial, porquanto dar possibilidade ao discente para adquirir de modo progressivo, uma visão de indagação acerca do mundo no qual se insere e faz parte (Schmidt, 2007). Nesses termos o fragmento abaixo denota tal questão:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (Le Goff, 1990, p. 423).

De acordo com Schmidt (2007), as referências à história local através da memória são reflexões tão válidas que entendem a história como o estudo da experiência humana no tempo, onde o professor pode selecionar conteúdos e organizá-los em tópicos ensináveis para ajudar a promover a aprendizagem e a formação da consciência histórica e coletiva.

Segundo Barbosa (2006), certamente, o ensino da história em aspectos locais adquire sentido e significado na educação básica, possibilitando trazer o raciocínio

histórico, que contorna o individual, mas se estende ao coletivo, para a realidade atual na percepção da relação ali surgida. Sendo assim é nítido que “o ensino da História possibilita diferentes relações no tempo e no espaço passando-se pela história local, regional e do mundo, assim, possibilitando ao aluno, inúmeras conexões com o conhecimento” (Germinari e Buczenko, 2012, p. 132).

Dessas novas perspectivas sobressai também novas compreensões da realidade histórica, que inevitavelmente exigem um repensar de seu uso em sala de aula, pois sua utilização até hoje é uma base necessária para o método de ensino, objetivamente porque permite ao estudante dialogar com o passado e desenvolve o significado da análise histórica.

A exposição às fontes históricas facilita a familiarização do aluno com as formas de apresentação do passado e do presente, habitua-se a relacionar o conceito histórico com a análise em que se baseou e fortalece a sua capacidade de tirar conclusões com base numa determinada situação (Schmidt; Cainelli, 2009).

### **Legislação e discussões sobre a história ensinada**

Segundo Schmidt e Cainelli (2009), o ensino de história no Brasil passou por profundas mudanças ao longo do tempo e três fases se distinguem dessas mudanças: ensino tradicional, ensino de estudos sociais e a fase atual. Dessa forma, a escolha foi respaldada nas Diretrizes Curriculares, considerando a memória coletiva, fazendo com que os estudantes adquiram uma consciência histórica.

Primeiro, o ensino entre 1837 e 1889 baseava-se em ideias positivistas, e o conteúdo ministrado tinha um valor político que glorificava a figura do herói. Durante o regime militar, o ensino de história ainda manteve seu caráter político, enfatizando heróis sem ensino crítico, permanecendo uma história cronológica linear da historiografia. Um decreto do governo militar em 1969 definiu a estrutura da moralidade e da ética. Programa de educação cívica, disciplina obrigatória em todos os níveis de ensino.

Nesse sentido é primordial compreender que o objetivo desta disciplina era aprimorar o caráter brasileiro e a preparação para o exercício da cidadania democrática. Porém, esta disciplina criou a ideia de nacionalismo e de progresso nacional, ignorando os conflitos e dramas sociais vividos pelos brasileiros (Pereira, 2014).

No que diz respeito à história, a Lei nº 5.540 de 1968 criou o departamento de estudos sociais para a 1ª série e é ministrado por professores polivalentes da 1ª à 4ª série, em sala de aula e professores provenientes de cursos de história ou estudos sociais. Através dessas decisões: “A Lei Federal de 1971 suprimiu a possibilidade de a história continuar como disciplina autônoma, conforme previsto na legislação do Estado de São Paulo (Lei nº 10.038/1968)” (Pereira, 2014, p.8).

Em 1971, os estudos sociais foram introduzidos no ensino fundamental 1, amparados pela Lei nº 5.672/1971. Com a democratização do Estado brasileiro na década de 1980, as lutas para devolver o ensino de história ao então currículo de 1º ano em vez dos estudos sociais e da velha história tradicional (Monteiro; Gasparello, 2004) Quanto ao conteúdo do currículo na década de 1980, havia três tendências na história: história no ensino fundamental; a construção e o significado social do conhecimento histórico; a atividade de aprender e ensinar história no nível primário (Magalhães, 2003).

Em 1997 e 1998 nasceu uma nova reformulação do currículo, que foi amparada pela Lei Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes da Educação Nacional (LDB). O Ministério da Educação lançou os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que propunham inovações metodológicas: o professor (mediador); avaliação contínua; conteúdo (organizado em eixos temáticos). Também trazendo como enfoque nessas proposições o ensino de história local. São assertivos os registros de Stephanou (1998), sobre o conhecimento do aluno que aprende História, definindo que:

Nossos alunos carregam consigo, por suas experiências acumuladas ou por suas vivências cotidianas, conhecimento social e histórico. Seus instrumentos intelectuais são produto de suas interações com o mundo, tanto físico como social. Antes de supor que os estudantes nada sabem valeria a pena procurar conhecer suas interações com o mundo e então captar os instrumentos intelectuais que compõem sua caixa de ferramentas e que, independentemente da escola, permite-lhes inserir-se na realidade como sujeitos sociais. Quais as interações que produzem estas habilidades específicas? Quais as interações que lhes são impedidas, tolhidas, furtadas? E por consequência, que operações cognitivas podem vir a ser produzidas nas aulas de história? (Stephanou, 1998, p.11).

O autor recomenda que a história seja ensinada de forma a possibilitar a introdução de diferentes formas de raciocínio, especialmente a ideia de tempo e movimento. Em relação ao tempo, é categórico considerar a perspectiva da descontinuidade, há uma ruptura e não há um progresso contínuo em

relação à história. É importante compreender que o social é um movimento e que os fenômenos históricos/sociais podem ser desnaturados.

## **A RESSIGNIFICAÇÃO DA HISTÓRIA LOCAL ATRAVÉS DAS FEIRAS LIVRES E O IMPACTO DA FEIRINHA DO BOM SUCESSO NA VIDA DAS FEIRANTES E COMUNIDADE EM GERAL**

As feiras fazem parte de uma prática comum à nossa realidade e funciona como um espaço de circulação financeira, empregabilidade, geração de renda. Nesse tocante as mulheres realizam trocas culturais e alcançam sua autonomia de forma progressiva, desenvolvendo no ambiente da feira a valorização do seu trabalho e as relações de reciprocidade entre as mesmas e o meio em que articulam seu trabalho.

As feiras livres caracterizam uma técnica muito antiga de comercialização de produtos agrícolas e, surgem como um espaço e uma prática de geração de renda, lugar de socialização de identidade, cultura e ainda de organização política. As feiras surgiram em meio ao comércio e às festas religiosas. O termo latino *feria*, que gerou o termo português feira, traduz-se dia santo, feriado.

Esses acontecimentos têm início na Europa durante a Idade Média e exerceram um papel primordial no desencadeamento das cidades e no conhecido renascimento comercial do século XIII. Os camponeses, ao sentir dificuldades nas vendas, realizavam trocas por outros produtos nas ruas com um custo menor. Assim, as trocas comerciais que aconteciam nos centros urbanos geraram a possibilidade de se formar um padrão para o sistema de trocas e motivaram a fundação de uma organização bancária. Sobre as feiras livres no Brasil, Gilmar Mascarenhas *et al* diz que:

A feira livre no Brasil constitui modalidade de mercado varejista ao ar livre, de periodicidade semanal, organizada como serviço de utilidade pública pela municipalidade e voltada para a distribuição local de gêneros alimentícios e produtos básicos. Herança em certa medida da tradição ibérica (também de raiz mourisca), posteriormente mesclada com práticas africanas, está presente na maioria das cidades brasileiras, sobretudo naquelas com população superior a 300 mil habitantes (Mascarenhas *et al.*, 2008, p. 4).

A compra feita na feira tem suas peculiaridades, tem seu modo de acontecer diferente do sistema mecânico de um supermercado. Os feirantes têm uma “lábria”, uma forma de oferecer o produto, de modo que o cliente seja conquistado. É na feira que ocorre a negociação do valor do produto, no supermercado já existe um valor estipulado e ponto.

Na feira sempre é possível fazer uma negociação, pedir um desconto, levar uma fruta a mais, um produto que já não interessa ao feirante (Morel *et al.*, 2015).

As feiras livres funcionam ainda como pontos turísticos para quem visita as cidades brasileiras. Elas têm como características a existência de produtores e pelo espaço local situado, onde acontecem as vendas de produtos, artesanatos, e ganham experiências durante a fase da comercialização. As melhores feiras brasileiras existem nas cidades de Salvador, São Paulo, Belo Horizonte, Aracaju, Teresópolis, Campo Grande (MS), Rio Grande do Sul, as mesmas ocasionam um grande público, existem muitas variedades com ótima qualidade, e ainda tem uma atenção maior com os clientes e busca solucionar as necessidades de cada um.

Nesse tocante as feiras apareceram como uma reinterpretação do tradicional mercadejar colonial, ambulante e quitandeiro. Apareceu como um código de organização, higiene e progresso. O espaço da rua, como um espetáculo estruturado, a visão colorida das barracas, sua estrutura geométrica, cada feirante em seu espaço milimetricamente demarcado, os horários do começo ao fim vistos de forma rígida pelo policiamento. Notou-se o difícil processo de adequação deste lugar de socialização a partir dos anos 1930, caracterizando a rua como símbolo tradicional de espaço de encontros e reencontros (Vedana, 2004, *Apud* Silveira *et al.*, 2017).

As manifestações comerciais livres são um modo de comércio bastante usado na atualidade e que para se definir um valor próximo do ideal é importante desenvolver uma pesquisa dos gastos usados na mão de obra, fabricação e venda desses produtos ou serviços. É primordial ainda a observação dos diversos clientes para os quais são disponíveis os produtos e/ou serviços, e se esse elemento vai possibilitar privilégios e bem-estar ao consumidor.

Depois desse olhar, compreende-se também a busca de superação da concorrência, na presença de muitos outros produtores que deixam à venda os mesmos produtos com os mesmos preços, ou ainda mais barato com o objetivo de agradar os clientes e torná-los fixo para eles. Dessa forma, pode-se sempre notar quem é o concorrente e sempre ter como foco um ótimo atendimento, produtos de melhor qualidade e uma melhor precificação para lhe destacar entre os outros.

O desencadeamento de articulação sobre as feiras livres necessita de uma atuação comunitária, uma base que vise ajudar à população local e se articular ao ambiente em que ocorrerá. Ela acrescenta à sociedade, gera até uma dependência no dia-a-dia. Depois

disso, tanto pela informalidade, estrutura e componentes que a completam, pode ser denominada como subalterna.

Fazendo uma ligação com o Brasil, a feira livre busca mostrar a felicidade do povo brasileiro. Até porque parece possuir, ainda em meio ao caos, uma estrutura articulada e harmoniosa, mesmo que muito desorganizada. Com crianças, cachorros, idosos, trabalhadores, casais e mendigos vivendo em um mesmo ambiente e pintando cenários de um painel rico e surpreendente (Guimarães, 2010).

Detalhar as feiras é também reestruturar o progresso das trocas em notadamente todas as localidades do mundo. Em diversas regiões, tais organizações apareceram como um episódio antigo e espontâneo a ponto de diversas cidades terem seus primórdios associados precisamente com as feiras. O nascimento de instituições designadas principalmente à execução de trocas de mercadorias e ao abastecimento da comunidade simbolizou o começo de uma nova interação humana por meio da prática comercial sendo esta uma das características fundamentais para os homens se organizarem em sociedade (Dantas *et al.*, 2008).

A pesquisa visa destacar a Feira do Bairro Bom Sucesso, que foi fundada em 13 de setembro de 1987, uma iniciativa de Pedro Ambrósio, após uma visita às cidades de São Paulo, Goiânia, Brasília, Belém, São Luís, Teresina, notando os modelos das feiras itinerantes, então a feira do Bairro Bom Sucesso é itinerante.

Sobre a realidade das feiras itinerantes Sara Toshie Sato et al discorre dessa forma

As feiras itinerantes são eventos temporários, que reúnem um grande número de expositores, provenientes deste e de outros Estados brasileiros, que se instalam nas cidades a fim de comercializar seus produtos com preços consideravelmente mais vantajosos em comparação àqueles obtidos no comércio local. Nessas feiras são comercializadas as mais variadas espécies de produtos (Sato *et al.*, p. 05).

Como não tinha mercado a Feira foi articulada para se deslocar na cidade, porém, ela nunca se deslocou pela falta de apoio da administração, e, ainda assim ela se desenvolveu muito, é uma grande feira que gerou e gera milhares de emprego e renda. O trabalho da feirante, funciona como uma forma delas alcançarem a própria independência.

Nessa época existiam poucas pessoas nessa região, para comprar um produto de feira, tinha que se deslocar para o mercadinho, não tinha em outro local, com a feira houve a expansão do bairro, essa região, que hoje tem em torno essa grande feira, possuem uma infraestrutura semelhante o centro da cidade e gera emprego. Não é necessário se deslocar para o centro da cidade, para realizar alguns serviços, por que nesse bairro tem loteria, e

ainda junto com a feira chegaram grandes empresas, principalmente eletrodomésticos, farmácias, supermercados.

A Feira do Bairro Bom Sucesso, mais conhecida como “Feirinha do Bom Sucesso”, situada no Bairro com mesmo nome, na cidade de Imperatriz, estado do Maranhão, trouxe um grande crescimento para o bairro. Foi fundada na década de 80, especificamente em 1987, e é inquestionável a contribuição para a vida dos moradores, com os diversos serviços de empresas que juntamente com a Feira, se instalaram no Bairro Bom Sucesso, a quantidade de empregos que foi gerado, e ainda uma identidade e cultura para os moradores. Com mais opções de compra e venda, de diversidade de produtos, acessibilidade de valores, essa feira traz um grande progresso para a vida dos vendedores, feirantes e principalmente moradores (Cardoso; Maia, 2010).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO ACERCA DO DESENVOLVIMENTO DO PROJETO EM SALA DE AULA**

No contexto em questão as feiras são fenômenos econômicos, sociais e culturais muito antigos. As mesmas funcionam como um espaço de contribuição social para as mulheres que ali trabalham: as feirantes. Por meio deste trabalho analisa-se o fato dessas mulheres terem se tornado empreendedoras e líderes daquele espaço. E com sua iniciativa, criatividade e inovação contribuem para a economia local através da movimentação do “dinheiro vivo”. Esse local representa ainda a produção cotidiana de saberes.

Para a apresentação da temática, foram utilizados slides ilustrativos com conceitos sobre a feira, trabalho, imagens das feirantes, das barracas da feira etc. Depois da ministração da aula um questionário foi aplicado com diversas questões sobre a temática da feira (anexo 1), a interação dos alunos foi satisfatória, um exemplo disso foi quando os alunos foram perguntados sobre o que mais chamava a atenção deles na feira, respondiam empolgados, também foi explanado se algum deles tinha vínculo próximo com os feirantes.

Nesse aspecto foi notável que muitos têm pai e mãe feirantes, ou seja, a renda principal da casa deles vem da feira. É interessante comentar que no momento que eu mostrava o slide para os alunos, um deles apontou e disse: olha, é a banca do pai do Saymon do nosso coordenador, e assim eles demonstravam familiaridade, contavam que já tinham visto aquelas bancas, que algumas delas era de pais, ou avós de conhecidos,

amigos deles. Foi realizado ainda uma roda de conversa para desenvolver um pouco essa temática.

Dentro da roda de conversa ocorrida em sala, foi perceptível que os alunos entendem que a feira é um cenário cheio de ambulantes, feirantes, fregueses, transportes e transeuntes criando um tipo de “caos”, mas que segue a sua própria ordem. São inúmeras as competências que as feirantes desenvolvem por meio de suas atividades na feira. Como por exemplo: o talento para lidar com os clientes, por meio do diálogo que a venda possibilita, o uso da matemática através do conhecimento do peso e medida das mercadorias, a concepção da sensibilidade e reconhecimento da qualidade de um produto, agilidade com o dinheiro e entendimento sobre o comércio.

Essas são algumas das capacidades que essas mulheres acabam por aperfeiçoar. Nesse aspecto se avalia o conceito de trabalho no universo dos indivíduos participante do projeto em questão, pois “ter um emprego significa participar da vida comum, ser capaz de construí-la, sair da natureza para fazer a cultura, sentir-se menos insegura na vida. Uma atividade ocupacional constitui, portanto, uma fonte de equilíbrio” (Saffioti, 1969, p. 63).

Inicialmente os estudantes foram questionados sobre qual era a visão deles sobre a feira, a maioria respondeu que a feira é um espaço de comércio, logo mais, questioneei sobre as competências que as feirantes desenvolvem por meio de suas atividades na feira, e muitas respostas foram surgindo como: a comunicação, já que elas conversam muito durante uma venda, habilidade com a matemática já que elas precisam passar o troco para o cliente, elas também sabem quando a fruta está boa para vender, eles afirmaram, pois elas lidam em contato direto com essa mercadoria.

Nesse aspecto outra pergunta interessante foi: Qual a importância para essas mulheres de terem um emprego? E a turma toda concordou que era justamente ter uma independência financeira, e logo foi exemplificado mesmo que, ter um emprego para essas mulheres significa empoderamento, independência etc.

Foi notável que houve um grande envolvimento na aula, interação durante a explicação, os meninos respondiam as questões bem empolgados, estavam ativamente participando das aulas, gostaram da temática da feira e muitos falaram que era uma temática nova, que eles nunca tiveram uma aula sobre isso, e que estavam empolgados em saber mais sobre a feira e sobre o cotidiano dessas mulheres feirantes.

Logo, foi perceptível que neste prisma, o debate sobre a história local em sala de aula mostrou-se interessante porque entre outras questões possibilita ao educando o

contato com a história de grupos que muitas vezes têm a sua história esquecida, assim como é uma motivação para se estudar a história local. Dentro dessa perspectiva, “o ensino de História tende a desempenhar um papel mais relevante na formação da cidadania, envolvendo a reflexão sobre a atuação do indivíduo em suas relações pessoais com o grupo de convívio, suas afetividades e sua participação no coletivo” (Le Goff, 2007, p. 2007).

A aula com os estudantes teve as seguintes finalidades:

- 1- Compreender o trabalho feminino na feira do bairro Bom Sucesso e as relações com suas afirmações de autonomia econômica, bem como, contribuir com o ensino de história através da história local;
- 2- Analisar as condições de trabalho da mulher e o seu cotidiano no ambiente da feira;
- 3 - Identificar como as mulheres feirantes se veem e se compreendem em suas funções laborais;
- 4 - Relacionar ensino de história a partir das contribuições da história local.

Para que o estudante possa se situar dentro do tempo histórico, é fundamental que os conteúdos selecionados pelo professor façam sentido para a existência do mesmo, com isso, o estudo de História Local vem a ser uma ferramenta indispensável para que haja uma correlação entre o que é vivido e o que é estudado, tendo em vista que “a escola e as aulas de História são lugares de memória da história recente, imediata e distante” (Fonseca, 2009, p. 125).

No decorrer do trabalho foi perceptível a mudança de pensamento dos estudantes por meio dos textos bases, palestras e pesquisas de campo. Várias concepções foram construídas e outras desconstruídas. Por conseguinte, essa pesquisa desenvolveu uma função muito valiosa na elaboração de uma educação histórica significativa. Dessa forma, compreendemos que lecionar história não se trata de memorização de datas e acontecimentos, o ensino de história significativo tem como foco incentivar o aluno ler seu tempo presente com bases nas mudanças ocorridas no passado, questão primordial desse saber.

A pesquisa de campo possibilitou aos estudantes-pesquisadores o diálogo com sujeitos históricos, grande parte mulheres, integrantes de ciclos de extrema importância para o progresso da economia e sociedade local que, até aquela fase, não haviam alcançado visibilidade. Neste prisma, o debate sobre a história oral em sala de aula mostrou-se interessante porque entre outras questões possibilita ao educando o contato

com a história de grupos que muitas vezes têm a sua história esquecida, assim como é uma motivação para se estudar a história local.

É interessante comentar ainda, que as entrevistas subsidiaram muito no debate desse assunto. Para finalizar, o projeto desenvolvido surgiu pela necessidade de promover um crescente envolvimento dos estudantes nas aulas e posteriormente na visita de campo. Em relação a aplicação do questionário, foi importante as respostas dos estudantes que contribuíram no dinamismo das temáticas relativas ao projeto. A seguir entremeamos algumas falas por suas pertinências ao estudo.

A relevância das feiras se evidenciam no provimento direto de consumidores, na geração de renda para a população rural e na exaltação do comércio urbano. Mas sua importância vai além da economia para entender ainda hábitos alimentares, costumes solidificados e a própria cultura. Sobre a feira do Bom Sucesso, e da sua importância local houve quem entendesse que “com essa feira mais próxima, podemos comprar as necessidades de casa sem precisar sair para muito longe“ (Estudante A). Ao mesmo tempo que o ensino de história local adquire significação e valor pela possibilidade de inserir a composição de um raciocínio histórico que enxergue não apenas o indivíduo, mas a coletividade, detalhando as relações sociais que ali se instituem na realidade mais próxima. Outro estudante assevera: ”História local é o estudo e preservação da história de cada região, cidade ou até mesmo comunidade ” (Estudante B). Essa percepção de história local lhe oferece uma capacidade de entorno, representando passado e presente nos mais diversos lugares de convivência.

Feiras se constituem de uma prática comum à nossa realidade e subsiste como um local de circulação financeira, empregabilidade, geração de renda. As mulheres feirantes possuem um papel preponderante, comenta outra estudante ao dizer que “as mulheres feirantes do Bairro Bom Sucesso, tem um papel fundamental, pois são responsáveis pelos alimentos e outras coisas” (Estudante C). Pois, as mulheres feirantes executam trocas culturais e conquistam sua independência de maneira progressiva, articulando no espaço da feira a valorização do seu trabalho e as relações de reciprocidade entre as mesmas e o meio em que articulam seu trabalho. Essa articulação corresponde à resposta dada por outra estudante no questionário proposto “socialmente as feiras oferecem um espaço de encontro e interação entre produtores, comerciante e consumidores tendo uma inclusão social e coesão comunitário” (Estudante D). Esse fato ocorre porque as feiras livres representam uma técnica muito antiga de comercialização de produtos agrícolas e, aparecem como um lugar e uma práxis de geração de renda, espaço de socialização de

identidade, cultura e também de organização política. As feiras apareceram em meio ao comércio e às festas religiosas.

O papel da mulher feirante assume vários aspectos, para além de ser dona do seu negócio, faz valer sua autogestão assumindo seu protagonismo no campo financeiro. O estudante envolvido na pesquisa reconhece esse papel quando afirma que as mulheres feirantes “por terem grande conhecimento na questão de negócios, por saber administrar o dinheiro e por terem uma boa comunicação” (Estudante E). Através de seu trabalho elas se realizam profissionalmente e se satisfazem de forma pessoal. A compreensão de que a mulher dentro das relações de trabalho possui sua função na sociedade, e reforça sua configuração como ser social. Isso ultrapassa o senso comum de que “para terem seu próprio negócio assim tendo uma melhor fonte de renda para seu próprio sustento (Estudante F). Vale ressaltar os significados de mulher no mundo do trabalho. Em relação ao espaço da feira e o exercício das feirantes, conseguimos enfatizar na concepção de Saffioti (1969) a relevância dessa atividade e o impacto que ela tem na vida dessas mulheres (Saffioti, 1969).

Diante da demonstração de algumas respostas firmadas por estudantes, observou-se que depois da aula ministrada, houve uma grande absorção de conteúdos por parte dos estudantes, já que eles conseguiram responder o questionário com facilidade, e o mais interessante, responderam com muita precisão, coerência e as respostas que eles deram, alcançaram as expectativas sobre conteúdos que tinham em relação a aplicação do questionário. Em suma, a ministração da aula e aplicação do questionário obteve um grande resultado positivo, já que foi constatado que os estudantes conseguiram aprender sobre a história local, o ensino de história, sobre as mulheres feirantes, as feiras e a importância do trabalho na vida dessas mulheres. Notou-se que essa agudeza por parte dos alunos, ocorreu depois da exposição da aula, eles passaram a compreender melhor alguns conceitos e como resultado, o questionário foi respondido com qualidade e propriedade.

Dessa forma, consideramos que aplicação do projeto cotidiano de mulheres feirantes no Bairro Bom Sucesso: ensino de história a partir das contribuições da história local, para o Terceiro ano do Ensino Médio matutino do Centro de Ensino Raimundo Soares da Cunha, teve uma grande relevância no sentido de que essa turma, passaram a ter uma nova visão sobre as mulheres feirantes, e sobre as feiras. Ao final, o mais importante para esses estudantes é o dinamismo com sua história, a história local, a história que acontece bem próximo das suas realidades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa perspectiva é essencial acrescentar que o ensino da história local é plenamente efetivo se aplicado dentro do contexto e objetivos assertivos com o norte direcionado dentro das metas que correlacionem a base geral de ensino junto as habilidades e assuntos de um estudo específico e que ocasione a valorização e exposição do ensino dos símbolos, signos e conhecimentos locais.

Dentro do contexto em que esse trabalho se realizou, ou seja, a sala de aula da Escola Estadual Raimundo Soares da Cunha, essa situada no Bairro Bom Sucesso e erguida no entorno da própria feira. Nesse sentido aos educandos é uma temática viva e do seio familiar assim como cotidiano, pois muitos desses tem o sustento e as primeiras atividades laborais diretamente relacionadas à feirinha do bom sucesso.

A prática desse projeto foi realizada em duas etapas, pois contou com a explanação da temática em sala de aula, assim como com uma visita dos alunos a feira para que observassem com o direcionamento do estudo e do tema, buscando assim fazer uma experimentação empírica sobre a feira e as atividades econômicas no contexto de seu bairro. Sendo também trabalhada a realidade das mulheres feirantes, que são grande parte do percentual da mão-de-obra ali presente.

Portanto com relação ao que foi programado a interação entre o conteúdo e experiência viva, foi enriquecedor, pois o instante da mescla entre teoria e prática foi um divisor de águas na vida dos estudantes, pois olhar com a visão direcionada ao novo os fez compreender dentre outras coisas o simbolismo relativo ao trabalho feminino e a essencialidade da existência da feira no contexto em que vivem.

Em suma, depois da exposição da aula e aplicação do questionário, ocorreu um impacto na visão crítica dos alunos em relação as feiras e as feirantes, agora eles conseguem notar aquele lugar como um espaço que traz uma grande contribuição social, que contribui para a economia local etc.

Nessa perspectiva, essa pesquisa oportunizou a estudantes de uma turma do último ano do Ensino médio a perceberem as visibilidades da mulher em relação ao trabalho desenvolvido na feirinha do Bairro Bom Sucesso, compreendendo, dentre outros aspectos, que a presença e importância feminina vão muito além do âmbito doméstico. Assim, o resultado foi positivo, já que a aplicação do projeto oportunizou aos estudantes a formação de uma nova visão sobre a temática destacada e a compreensão no estudo de história.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Vilma de Lurdes. Ensino de história local: redescobrimos sentidos. **Saeculum - Revista de História**, n.15, p. 58-85, jul./dez. 2006.

BARROS, Carlos Henrique Farias de. **Ensino História, Memória e História Local**. Recife: Universidade salgado de Oliveira, 2007.

CARDOSO, C. A. DE A.; MAIA, D. S. A feira de Campina Grande: Onde se encontra o moderno e o tradicional. **Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos-ENG**, 2010.

DANTAS, Geovan.e Pachelly Galdino. Feiras não Nordeste. **Mercador: Revista de Geografia da UFC**, Fortaleza, CE, ano 07, n.13, p. 87-101, jan./jun. 2008.

SATO, L. Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre. **Psicologia e Sociedade**, v. 19, p. 95-102, 2007.

FONSECA, M. OLIVEIRA, J. F. A gestão Escolar no contexto das recentes reformas educacionais brasileiras. Porto Alegre: **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, mai./ago, 2009. v. 25. n. 2. p.185-384.

FONSECA, Selva Guimarães. História local e fontes orais: uma reflexão sobre saberes e práticas de ensino de História. **História Oral**, v. 9, n. 1, p. 125-141, jan./jun. 2006.

GADDIS, John Lewis. **Paisagens da História**. Como os Historiadores Mapeiam o Passado. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

GERMINARI, Geyso; BUCZENKO, Gerson. História local e identidade: um estudo de caso na perspectiva da educação histórica. **História & Ensino**, v. 18, n. 2, p. 125- 142, jul./dez. 2012.

GUIMARÃES, C. A. 2010. A Feira Livre na Celebração da Cultura Popular. **Gestão Cultural e Organização de Eventos**. USP - São Paulo. Disponível em: <http://www.usp.br/celacc/ojs/index.php/blacc/article/view/140>. Acesso em: 29 mar. 2013.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. São Paulo: Paz e Terra 2008.

LE GOFF, Jack. **História e memória**. Tradução de Suzana Ferreira Borges, Bernardo Leitão e Irene Ferreira. Campinas: Unicamp, 1990.

MACEDO, N. D. **Iniciação à pesquisa bibliográfica** : guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1994.

MONTEIRO, Ana Maria C.; GASPARELLO, Arlette Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (orgs.). **Ensino de história: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X : Faperf, 2007.

MAGALHÃES, Marcelo de Souza. História e cidadania: por que ensinar história hoje? In: ABREU, Martha; SOIHER, Rachel (orgs.) **Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. p.168-1

MASCARENHAS, A.O. **Gestão estratégica de pessoas: evolução, teoria e crítica**. São Paulo: Cengage, 2008.

MOREL, Aline Pereira. et al. Negócio Feira Livre: Análise e Discussão sob a Perspectiva do Feirante. 1º ed. Santa Maria. **Revista Extensão Rural**, 2015.

PEREIRA, Jefferson da Silva. O ensino de história durante a ditadura militar (1964-1985). **XXV Semana de Ciências Sociais**, 8 a 10 abr. 2014.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. 1ª edição. São Paulo: Expressão Popular, 1969.

SCHMIDT, Maria auxiliadora e CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. O ensino de história local e os desafios da formação da consciência histórica. In: MONTEIRO, Ana Maria F. C. et al. **Ensino de história: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2007.

STEPHANOU, Maria. Instaurando maneiras de ser, conhecer e interpretar. **Revista Brasileira de História**. v. 18, n. 36, São Paulo, 1998.

VEDANA, V. **“Fazer a feira”**: estudo etnográfico das “artes de fazer” de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre/RS. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

## APÊNDICES

## **APÊNDICE A – MODELO DE QUESTIONÁRIO PARA VISITA À FEIRA**

*UNIVERSIDADE ESTADUAL DA REGIÃO TOCANTINA DO MARANHÃO*

*CURSO: ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA: TEORIA E MÉTODOS*

*DISCIPLINA: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO*

*ACADÊMICA: GABRIELA ALMEIDA FERREIRA*

*COTIDIANO DE MULHERES FEIRANTES NO BAIRRO BOM SUCESSO: ENSINO*

*DE HISTÓRIA A PARTIR DAS CONTRIBUIÇÕES DA HISTÓRIA LOCAL*

### *QUESTIONÁRIO*

- 1- Você já foi na Feira do Bairro Bom Sucesso?*
- 2- Para você, qual a importância de uma Feira?*
- 3- Você sabe que o cotidiano de uma feira deve ser tema do ensino de História?*
- 4- Você sabe o que é História Local?*
- 5- Na sua concepção qual a contribuição do Ensino de História para a História Local?*
- 6- O que você sabe sobre as mulheres feirantes do Bairro Bom Sucesso?*
- 7- Você tem vontade de conhecer as feirantes do Bairro Bom Sucesso?*
- 8- Qual a importância social e econômica que uma feira tem na sociedade?*
- 9- Que destaque essas mulheres feirantes tem nesse Bairro e nessa feira?*
- 10- Na sua opinião, por que essas mulheres buscaram o espaço da feira para trabalhar? Você consegue imaginar de que forma elas iniciaram esse trabalho? (Elaborada pela autora, março, 2024).*

## **APÊNDICE B – RELATÓRIO DA PESQUISA DE CAMPO**

*Durante a aplicação do projeto intitulado “cotidiano de mulheres feirantes no Bairro Bom Sucesso: ensino de história a partir das contribuições da história local”, onde tive contato com alunos da série do 3º ano do Ensino Médio, alunos estes de diversas personalidades, curiosidades e grau de aprendizagens e que conseguiram ver de perto a necessidade de ensinar História que converse com suas realidades e que dialoguem como presente, uma História que faça mais sentido para os educandos. Falando do ponto principal que permeia o debate deste artigo, que é de analisar possibilidades de ensinar História de uma maneira que os alunos se sintam atraídos, me aparece um questionamento de como a História está sendo ministrada em sala de aula, de forma que alguns alunos a denominam menos relevante que outras disciplinas. E qual é a função do Professor neste contexto, nas tentativas de alterar essa realidade.*

*Em relação a visita de campo na feirinha do Bairro Bom Sucesso, com os alunos do 3º ano “B” da escola Raimundo Soares da Cunha, foi um momento muito importante, onde esses alunos conheceram as feirantes do Bairro Bom Sucesso, puderam de perto conversar com elas, entender a relevância e o impacto do seu trabalho na perspectiva local, e regional. Assim, esses alunos puderam ter experiência com a história local de uma maneira mais prática e menos teórica.*

*O ensino de história local apresenta-se como um ponto de partida para a aprendizagem histórica, pela possibilidade de trabalhar com a realidade mais próxima das relações sociais que se estabelecem entre educador / educando / sociedade e o meio em que vivem e atuam. (BARROS, 2007, p. 3).*

*Essa visita de campo foi de grande proveito, pois conseguimos levar os estudantes para esse momento, eu e a Professora titular da sala fizemos o acompanhamento dos discentes. Na oportunidade conversamos com a Feirante: Celma Soares Pinto, ela falou da importância de seu trabalho, disse que aquele trabalho é tudo para ela, pois é de lá que vem o seu sustento, para ela não existem dificuldades ali, afirmou ainda que trabalhava para as outras pessoas, até que começou a querer ter o seu próprio negócio, e começou vendendo roupas, até passar a vender frutas, verduras em sua banca na feira. Os alunos, estavam entusiasmados com a conversa, e sempre prestando bastante atenção, na oportunidade falei um pouco para eles e a feirante, sobre a história local, sobre o empoderamento feminino, sobre essas feirantes como donas do seu negócio.*

*Seguimos em mais bancas, e conversamos com as demais feirantes, na ocasião, perguntei para as mesmas qual a importância daquele trabalho em suas vidas, qual a maior dificuldade que elas encontravam naquele ofício e como surgiu aquele trabalho em suas vidas. Diante do diálogo, os alunos se mostravam atentos e admirados pelas respostas que vinham das feirantes, os mesmos colaboraram muito no momento da visita, se mostraram realmente interessados em conhecer o universo das feirantes, tiraram as fotografias, ficavam atentos as respostas, não existiu de forma alguma bagunça no momento da visita, todos cumpriram o roteiro devido, não existiu fuga.*

*Conversei com os meninos sobre a visita, perguntei o que eles acharam. Me disseram que gostaram muito, no geral eles falaram que elas são mulheres guerreiras, batalhadoras, empreendedoras, donas de seu próprio negócio, que assim como aprenderam comigo, elas estão contribuindo para a economia local, história local.*

*As meninas gostaram muito, falaram que é muito importante esse trabalho para essas mulheres, já que elas conseguem assim, ser mulheres independentes, empoderadas e não precisam depender apenas do seu marido. Assim, elas têm a sua própria renda, seu próprio emprego e é muito bom não depender de ninguém, ter de onde tirar o seu próprio sustento.*

*Com a abordagem da História Local os alunos passam gradativamente a observar e perceber o significado de outras matérias construídas no passado; a compreender que as realidades históricas de determinada localidade e de seus habitantes no tempo não se dão isoladas do mundo, mas como parte do processo histórico em que populações locais constroem suas identidades culturais e sociais; que estas identidades são diversas, mas todas merecem respeito. (BARROS, 2007, p. 4).*

*A visita de campo em um contexto geral foi bem positiva, alcançamos muitos resultados. Percebi que ocorreu um grande impacto na visão dos alunos em relação a feiras e as feirantes, agora eles conseguem notar aquele lugar como um espaço que traz uma grande contribuição social, que contribui para a economia local etc. Nessa perspectiva, essa pesquisa buscou dar visibilidade a mulher em relação ao trabalho desenvolvido na feirinha do Bairro Bom Sucesso, compreendendo, dentre outros aspectos, que a presença e importância feminina vão muito além do âmbito doméstico. Assim, o resultado foi muito positivo, já que a aplicação do projeto oportunizou aos alunos a formação de uma nova visão sobre a temática destacada e a acharem finalidade em estudar história. (Anotações da autora, março 2024).*

### APÊNDICE C – APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA EM SALA DE AULA



**Ilustração 1:** Foto da sala de aula da turma da 3ª série. **Fonte:** (autora, 2024).

### APÊNDICE D – VISITA DE CAMPO (Cont.)



**Ilustração 2:** Estudantes em banca de frutas e feirante. **Fonte:** (autora, 2024).

**APÊNDICE E – VISITA DE CAMPO (Cont.)**

**Ilustração 3:** Estudantes e feirante junto às frutas. **Fonte:** (autora, 2024).